

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

O FENÔMENO MESSIÂNICO DENTRO DO JUDAÍSMO

**Uma análise do movimento messiânica na cultura judaica e sua
influência na cultura cristã**

Josildo de Sales Junior

Duque de Caxias – RJ

2025

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

O FENÔMENO MESSIÂNICO DENTRO DO JUDAÍSMO

**Uma análise do movimento messiânica na cultura judaica e sua
influência na cultura cristã.**

Josildo de Sales Junior

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Professor(a) orientador(a): Marcio Simão de Vasconcellos

Duque de Caxias – RJ

2025

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

Josildo de Sales Junior

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Trabalho considerado aprovado com nota 90.

Marcio Simão de Vasconcellos

Professor (a) Orientador (a): Inserir nome do(a) professor(a)

UNIGRANRIO

Prof. Dr. Jansen Racco Botelho de Melo

Inserir nome do(a) professor(a) examinador(a)

UNIGRANRIO

Prof. Esp. Emílio Sandro Mesquita Peçanha_

Inserir nome do(a) professor(a) examinador(a)

UNIGRANRIO

Duque de Caxias – RJ

2025

Resumo

O presente artigo se propõe a abordar o fenômeno messiânico dentro do judaísmo e sua influência no cristianismo, analisando a TANAKH "Bíblia Hebraica" como base da fé judaica e como base interpretativa para o Messias desenvolvido pelo cristianismo na pessoa de Jesus de Nazaré. Será brevemente abordado o desenvolvimento do povo judeu por meio de duas perspectivas: da historicidade, com o apoio da arqueologia e o desenvolvimento mediante as narrativas bíblicas do Antigo Testamento. O termo "Messias" será analisado buscando uma compreensão de como esse título era utilizado, bem como a unção era derramada e sobre quem a ela era direcionada. Será discutida a influência dos povos vizinhos que levaram Israel a deixar de viver um teocentrismo para viver sob a direção de um soberano humano, "um rei". Por fim, será abordado o conceito de Messias conforme a cultura judaica e no cristianismo.

Palavra-chave: Rei, Messias, Judaísmo.

Abstract

This article aims to address the messianic phenomenon within Judaism and its influence on Christianity, analyzing the TANAKH "Hebrew Bible" as the basis of the Jewish faith and as an interpretive basis for the Messiah developed by Christianity in the person of Jesus of Nazareth. The development of the Jewish people will be briefly addressed from two perspectives: historicity, with the support of archaeology, and development through the biblical narratives of the Old Testament. The term "Messiah" will be analyzed in order to understand how this title was used, as well as how the anointing was poured out and to whom it was directed. The influence of neighboring peoples that led Israel to abandon theocentrism and live under the rule of a human sovereign, "a king," will be discussed. Finally, the concept of Messiah according to Jewish culture and Christianity will be addressed.

Keywords: King, Messiah, Judaism.

Introdução

A cultura judaica é reconhecida como uma das mais antigas do mundo, sendo objeto de estudo contínuo em nossa era contemporânea.

Com o avanço da ciência e da arqueologia, novas descobertas são constantemente reveladas, proporcionando maior clareza sobre o desenvolvimento desse povo e a persistente relevância de sua influência na atualidade.

Um povo que, mesmo após séculos, mantém sua identidade por meio de sua religião e cultura, o que gera admiração global por sua resiliência. É inegável que, ao longo da história, tanto antiga, quanto recente, este povo enfrentou inúmeros desafios, incluindo perseguições que resultaram na dizimação de milhares de judeus devido ao preconceito racial. Um povo que experimentou diásporas forçadas, exílio e escravidão, mas que preservou sua fé e esperança em dias melhores.

Através de suas crenças e escritos antigos, o judaísmo deu origem ao cristianismo, que hoje se configura entre as religiões de maior crescimento global. Compreender a

evolução desse povo ao longo do tempo representa um significativo desafio a ser abordado.

Desenvolvimento do povo judeu com base na historicidade e arqueologia

Em primeiro lugar é necessário pontuar que a bíblia não é um livro histórico, seu intuito não é narrar os acontecimentos de modo histórico, pois sua construção é teológica, que por sua vez tem como objetivo abordar os elementos narrados por meio da fé em yhaweh. “É preciso ter em mente que os textos bíblicos foram escritos bem depois dos fatos narrados terem acontecido, que eles sempre trazem em suas narrativas o contexto, a realidade e as preocupações do período histórico em que foram escritos”¹. É verdade que as narrativas bíblicas estão imersas em tradições populares antigas que comunicam as ações de Deus por meio de seu povo. Por esse motivo faz-se necessário deixar o fundamentalismo religioso que lê as narrativas com viés maximalista, tendo a Bíblia em uma mão e a pá na outra, faz se necessário adotarmos o método minimalista, procurando entender a história antiga sem às interferências das narrativas bíblicas.

As narrativas do desenvolvimento do povo judeu não se dão como é colocado no contexto bíblico, que serão abordados em seguida.

Israel ou terra de Canaã ou Palestina é o chão histórico onde se desenvolveu o povo judeu. Uma terra imersa no deserto e banhada pelo mar. “Israel é um fenômeno da Palestina. Não vem de fora. Não surge pela conquista ou por imigração. Há que se explicar a origem de Israel a partir da sua própria terra de Israel”.²

Conforme o teólogo Milton Schwantes, a origem de Israel se localiza nas montanhas da Palestina, divergindo das narrativas presentes no Pentateuco e na tradição judaica, que, em sua perspectiva, retratam Israel como um povo homogêneo, sem mistura étnica, e divinamente separado. Contudo, essa formação teria envolvido indivíduos de diversas etnias, incluindo pastores seminômades e grupos marginalizados e oprimidos que se insurgiram contra as estruturas de poder das cidades-estados cananeias³. A escravidão no Egito, com seus trabalhos forçados, teria impulsionado essa migração para as montanhas. Diferente da tradição, Israel não saiu com milhares de pessoas, mas com um pequeno grupo que buscou refúgio nas montanhas da palestina.

¹ KAEFER, José Ademar. **A Bíblia, a Arqueologia e a História de Israel e Judá**. São Paulo: Paulus, 2015. Pg.6.

² SCHWANTES, Milton **Breve história de Israel**. Editora Oikos. São Leopoldo, RS. 2008. Pg.13.

³ SCHWANTES, Milton **História de Israel: Local e origens**. São Leopoldo: Oikos, 2008. Pg.32-33.

Diferentes grupos são atraídos por esta novidade em que vai se tornando a montanha. São muito importantes em qualidade, mas muito pequenos em quantidade, falando do ponto de vista histórico. Na Bíblia, os números atribuídos a estes grupos são altos, porém eles têm mais um sentido religioso do que histórico. Dizem algo sobre o valor desses grupos, não sobre sua quantidade.⁴

Schwantes argumenta que “na montanha se estabeleceu o tribalismo”⁵, conhecido como as doze tribos de Israel. Contudo, a quantidade de tribos pode ter sido superior à apresentada nos textos bíblicos, considerando a possibilidade de dissolução e surgimento de novas tribos. No sistema tribalismo prevalecia o igualitarismo onde as pessoas trabalhavam para produzir o sustento para as famílias sem os altos impostos exigidos pelo Egito. Com o tempo essa liberdade foi se perdendo com a chegada da monarquia.

O Israel tribal resistiu veementemente ao sistema da monarquia durante o período dos juízes. Para os israelitas o sistema monárquico que era estabelecido pelos cananeus nas cidades-estados significava uma dominação militar imposta pela realeza, com mais explorações e opressão para os camponeses que viveriam com mais dificuldades, tendo além da diminuição de seus recursos e ter que deixar seus filhos à disposição da realeza. “De acordo com a sua constituição da aliança, o verdadeiro e único rei de Israel era Javé, que os havia libertado da escravidão do faraó egípcio e os tinha estabelecido como sociedade livre na sua própria terra.”⁶

Desenvolvimento do povo judeu nas narrativas bíblicas

O desenvolvimento do povo judeu no Antigo Testamento de acordo com as narrativas bíblicas, tem seu começo nos patriarcas passando pelo exílio babilônico e o período pós-exílio. Essa narrativa, registrada na “Tanakh”, a Bíblia Hebraica, é a base da identidade religiosa e cultural judaica. O ponto de partida começa com Abraão, por volta de 2000 a.C., na cidade de Ur, na Mesopotâmia. De acordo com a tradição bíblica, Deus o chamou para deixar sua terra e seguir para uma nova Canaã, atual Palestina, Gêneses 12:1-3:

Ora, disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra.⁷

⁴ SCHWANTES, Milton. **Breve história de Israel**. Editora Oikos. São Leopoldo, RS. 2008. Pg.13.

⁵ Ibid., p.15.

⁶ HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. **Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus**. São Paulo: Editora Paulus, 1995. Pg. 94.

⁷ ALMEIDA, Revista e Atualizada (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), p.9. Gn 12.1–3

Deus fez uma aliança com Abraão, prometendo que ele se tornaria o pai de uma grande nação, “multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e como a areia na praia do mar; a tua descendência possuirá a cidade dos seus inimigos”⁸, e seus descendentes seriam intitulados como povo escolhido.

Essa aliança foi continuada por seu filho Isaque e seu neto Jacó, que por meio de uma luta com Yahweh prevaleceu e teve o seu nome mudado para Israel, dando origem ao nome "israelitas". Nome que passou a fazer parte da identidade do povo, que atualmente se chama estado de Israel.

De acordo com os relatos bíblicos, os doze filhos de Jacó formaram as doze tribos de Israel. Devido a uma grande fome, a família de Jacó migrou para o Egito, onde, foi escravizado por faraó, tendo sua liberdade restrita por alguns séculos, Gn. 42 a 47. A libertação da escravidão é um evento central para a comunidade judaica, ao qual celebra essa libertação até os dias atuais. “A experiência de libertação do Egito marcou profundamente a comunidade israelita, a ponto de o Êxodo ser assumido como o evento fundante da fé judaica”;⁹ Que tem sua narrativa descrita no livro Êxodo (saída). A escuridão fez florescer um clamor por um coletivo por uma libertação da opressão inimiga. “Conforme Ex.3,7–8, Deus viu a opressão do seu povo no Egito, ouviu o seu grito, conheceu seus sofrimentos, não permaneceu passivo diante disso e desceu para libertá-lo”¹⁰.

Yahweh responde o clamor do seu povo instituindo seu servo Moisés para libertar seu povo e guia-los pelo deserto até a terra de Canaã (Êxodo 2.23-25. 3.1-4. 3.9-10.). Durante essa jornada no deserto que durou 40 anos, eles receberam a Torá (os cinco primeiros livros da Bíblia), que incluía os Dez Mandamentos¹¹. A Torá estabeleceu a base

⁸ ALMEIDA, Revista e Atualizada (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), p.16. Gn 22.17

⁹ DO CARMO, Solange Maria, e CORNÉLIO, Francisco Freire Rodrigues, “**Teologia da Libertação: Um Sopro do Espírito na América Latina**”, in 50 Anos de Teologias da Libertação: Memória, Revisão, Perspectivas e Desafios (São Paulo: Editora Recriar, 2022), i, 191.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Há quem defenda ainda que houve uma redação antiga do Pentateuco, no final da Idade do Bronze (1200 a.C.) ou início da Idade do Ferro I (1150 a.C.). Essa redação teria registrado, por exemplo, a história dos patriarcas e do êxodo. Outros não retrocedem tanto e defendem a posição de uma redação do Pentateuco no reinado de Davi (1005-970), e que as histórias dos patriarcas, do êxodo e da conquista de Josué teriam sido conservadas em forma de tradições orais até serem postas por escrito. Tradicionalmente esta redação é denominada de J (Javista), sigla e fonte redacional que para muitos ainda persiste. Porém, hoje se sabe que a escrita em Jerusalém só começou bem mais tarde, no final do século VIII a.C. e início do século VII a.C., ou seja, pelo menos dois séculos depois. Sendo assim a tradição falha em afirmar que Moisés escreveu o pentateuco, que por sua vez teve a sua formação finalizada no século III a.C.

KAEFER, José Ademar. **A Bíblia, a Arqueologia e a História de Israel e Judá**. São Paulo: Paulus, 2015. Pg.10.

da lei e da religião judaica, propondo um novo sistema ético baseado nas orientações promovidas por yahweh. Sobre a liderança de Josué, o povo de Israel se organizou em doze tribos, governadas por juízes que conduzia o povo em suas batalhas tendo o Senhor como o agente de suas vitórias. Nesse período o povo vivia em um teocentrismo, tendo yahweh como o centro de sua fé, até que as influências externas os fizeram pedir por um soberano senhor humano, um rei que os conduzisse em suas jornadas militares. Essa iniciativa não era um desejo de yahweh mas uma concessão à insistência da população 1 Samuel 8.7-8.

Significado de Mashiyach

O termo messias tem sua origem no hebraico “מָשִׁיחַ, mashiyach; ungido ou um ungido; messias”¹², e vem de uma raiz hebraica que significa untar. “A Septuaginta traduziu essa palavra pelo vocábulo grego christós, ungido”.¹³ Que transliterado para a língua portuguesa significa Cristo.

Nos tempos antigos era comum o costume entre os povos de diversas culturas a prática de ungir pessoas e objetos em forma de consagração. A utilização do azeite como principal elemento para o ato da unção era comum em feitos religiosos ou cerimônias.

O dicionário Clássico de Oxford informa-nos que o uso cútico do azeite é uma das mais antigas práticas de que os homens têm notícia. Sabe-se que as estátuas dos deuses eram ungidas no Egito, na Babilônia, em Roma e em outros países da antiguidade. O azeite era usado nas purificações rituais. O Tablete 51 dos tablets de Tell el-Amarna contém uma referência à unção dos vice-reis dos Faraós egípcios.¹⁴ O uso da unção, quando da consagração de sacerdotes era uma prática comum em muitas culturas antigas.

Os israelitas ao conviverem com os povos vizinhos compartilhavam e desfrutavam de suas culturas. Entre os Judeus, o ato de ungir significava um gesto de devoção a yahweh, os objetos eram consagrados pra os cultos em adoração, assim como pessoas escolhidas para exercer o chamado de yahweh Êxodo 20:26-31:

Com ele ungirás a tenda da congregação, e a arca do Testemunho, e a mesa com todos os seus utensílios, e o candelabro com os seus utensílios, e o altar do incenso, e o altar do holocausto com todos os utensílios, e a bacia com o seu suporte.
Assim consagrarás estas coisas, para que sejam santíssimas; tudo o que tocar nelas será santo.

¹² STRAUSS, M. L. **Messias**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2020. (Nota técnica).

¹³ CHAMPLIN, R. N., “Messias”, **Enciclopédia de Bíblia, Teologia & Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2013. Pg. 241.

¹⁴ Ibidem.

Também ungirás Arão e seus filhos e os consagrarás para que me oficiem como sacerdotes.
Dirás aos filhos de Israel: Este me será o óleo sagrado da unção nas vossas gerações.¹⁵

Dentro da cultura judaica há três grupos de pessoas que recebiam a unção perante o sagrado: os profetas “navi” que trazia a mensagem de yahweh para o povo comunicando os seus pecados de injustiça, idolatria entre outros desvios, “1 Reis 19.16. “Também a Jeú, filho de Ninsi, ungirás rei de Israel e também Eliseu, filho de Safate, de Abel-Meolá, ungirás profeta em teu lugar.”¹⁶.

Os Sacerdotes tinham como dever entregar o sacrifício do povo para expiação de pecados, que era tornado uma espécie de ponte entre os homens para com o sagrado, levítico 4.3. “Se o sacerdote ungido pecar para escândalo do povo, oferecerá pelo seu pecado, que pecou, um novilho sem mancha, ao Senhor, por expiação do pecado”¹⁷.

Da mesma maneira os reis eram considerados ungidos por Deus “Enche o teu vaso de azeite e vem; enviar-te-ei a Jessé, o belemita; porque dentre os seus filhos me tenho provido de um rei”,¹⁸ como uma figura representativa do governo sagrado humano. O intuito era conduzir o povo em suas conquistas militares e políticas diante das nações vizinhas.

O costume de ungir com óleo, entretanto, se fixou como investidura da função do rei, no antigo Oriente Médio. A ideologia real ou régia, muito antiga nas culturas da Mesopotâmia e do Egito, atribui à pessoa do rei funções de representação da própria divindade. Essa ideologia foi assimilada por Israel, e projetada na pessoa dos seus reis, mesmo em contradição com a convicção de que só Yhwh podia reinar sobre o seu povo. Dessa forma, à imitação de outras culturas, o rei é chamado filho de Deus (Sl 2,7); senta-se à sua direita (Sl 110,1); chega até mesmo a ser divinizado como um 'elohim (Sl 45,7). Enquanto imagem de Deus, o rei é o pastor responsável por estabelecer a justiça, para realização do próprio reinado divino na terra¹⁹.

Por meio da consagração a Deus tanto os objetos quanto reis, profetas e sacerdotes foram de alguma forma atribuídos sobre eles uma espécie de santificação, ao qual mesmo sendo o que sempre foram, passam a ter funções consideradas santas e divinas e na maioria das vezes eram intocáveis por pessoas comuns. “A unção não

¹⁵ ALMEIDA, Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p.72. Êx 30.26–31.

¹⁶ ALMEIDA, Revista e Corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil, 2009,. p.297. 1Rs 19.16.

¹⁷ Ibid., p.84. Lv 4.3.

¹⁸ Ibid., p.237. 1Sm 16.1.

¹⁹ SILVA, Severino Celestino; SILVA, Valmor. **O messias no judaísmo e no cristianismo**. Caminhos, v.15, n.2, p.252, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6035/3392>.

apenas pressupunha obrigações especiais, mas considerava-se também que ela transmitia posição especial; esse era o ungido do Senhor (2Sm 23.1). Tocar essa pessoa era, de alguma forma, tocar o próprio Senhor”²⁰. Davi em meio a grande incursão de perseguição administrada pelo rei Saul para matá-lo, teve por vezes a oportunidade de assassinar o rei, mas pelo temor de retirar a vida de um ungido do Senhor ele não o fez. “Uma medida do caráter de Davi que, embora também tenha sido ungido como o sucessor desde Saul, ele não viu o fato como algo que invalidasse a unção de Saul”²¹.

Quando uma pessoa era ungida do Senhor ela obtinha a proteção divina e autoridade para exercer o santo ofício que a ele havia sido designado. Esta proteção elevava a confiança do indivíduo, proporcionando mais ousadia e autoridade como um representante de yahweh diante do povo judeu.

O messias no judaísmo

Embora o conceito de messias tenha estado presente em outras religiões e culturas, porém foi no Judaísmo que o conceito de messianismo se desenvolveu de forma consistente e plena. No contexto bíblico da religião judaica, os conceitos como: messias, messianismo, messiânico tiveram uma imensa relevância em seu pensamento cultural religioso²².

A ideia de um salvador humano com poderes especiais, que livraria o povo da opressão imposta por seus inimigos era algo real em seus pensamentos, principalmente após o período do pós-exílio babilônico, onde o pensamento messiânico tomou mais força entre o povo. O Judaísmo pós-exílio desenvolveu ideias messiânicas tais como podemos ver na bíblia que temos hoje em nossas mãos.

No período chamado de Segundo Templo “pois o primeiro foi destruído por Nabucodonosor em 586 a.C.”²³, os judeus estavam sobre o domínio do império Persa e

²⁰ VANGEMEREN, Willen A. **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. 1ª edição. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011pg.1123 volume 2.

²¹ Ibidem.

²² Entretanto, o conceito de messianismo não é convergente. E não poderia ser diferente, pois em questão religiosa não existe unidade de conceitos no Judaísmo. O próprio conceito de Judaísmo, por sinal, é uma realidade complexa, e envolve tal diversidade que seria melhor denominar Judaísmos, em plural. Um conhecido O provérbio judaico afirma que 'onde existem dois judeus, existem três opiniões| diferentes e quatro partidos políticos'. SILVA, Severino Celestino da; SILVA, Valmor. **O messias no judaísmo e no cristianismo. Caminhos**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 249-267, 2017. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6035/3392>.

²³ JAMES, Hamilton M., Jr., O que é Teologia Bíblica? **Um Guia para a História, o Simbolismo e os Modelos da Bíblia**, org. Tiago José dos Santos Filho, trad. Elizabeth Gomes, primeira edição (São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2016), p.74.

subsequente do domínio grego, onde as expectativas políticas já não tinha tanta força. Os escritos bíblicos tiveram um profundo desenvolvimento às propostas messiânicas que fizeram reacender a chama de uma nova esperança de libertação do povo. “É assim que pode ser lida a Torah, particularmente sob a revisão Deuteromista, as profecias, tanto profetas anteriores quanto posteriores, bem como a literatura sapiencial, sobretudo os Salmos”²⁴. Nesse período também houve uma ideia apocalíptica em torno do messias, produzindo diversas expectativas escatológicas messiânicas.

O judaísmo do período do Segundo Templo alimentava no povo judeu, especialmente nos judeus do primeiro século da era cristã, a esperança da chegada de um redentor (messias) semelhante ao profeta Moisés, ao sacerdote Arão, a José e ao rei Davi, que iria libertá-los da opressão dos Estados estrangeiros, unificar o país e estabelecer a paz definitiva não SÓ em Israel, mas também em todo o mundo.²⁵

Por meio dessa esperança observa-se uma gama de textos inseridos na bíblia hebraica provando o quanto o judaísmo fundamentava sua fé em uma figura messiânica, capaz de saciar seus anseios mediante os conflitos sociais, advindos das relações conflituosas com os povos vizinhos.

A base dessa fé vem das profecias messiânicas, que relaciona a monarquia davídica como a base da vinda do messias prometido. Conforme 2 Samuel 7:12, a promessa divina a Davi garantia a perpetuidade de seu reinado. Apesar da história ter refutado essa predição, a esperança escatológica intensificou-se diante dessa expectativa não concretizada, transformando o Ungido de Yahweh, o Messias, em uma figura escatológica. Embora o termo "mâschiach" não fosse utilizado no Antigo Testamento como um título escatológico²⁶.

Essa concepção não implica que o Ungido aparecera fora do contexto terrestre. O termo escatológico deve ser interpretado em seu sentido etimológico, referindo-se ao tempo. A crença residia na necessidade de uma realeza terrena para a concretização da salvação futura, conforme o Salmo 89:3 que diz o seguinte: "²⁷Fiz aliança com o meu escolhido e jurei a Davi, meu servo: Para sempre estabelecerei a tua posteridade e firmarei

²⁴ SILVA, Severino Celestino da; SILVA, Valmor. **O messias no judaísmo e no cristianismo**. Caminhos, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 249-267, 2017. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6035/3392>.

²⁵SANTOS, Carlos Antônio dos. **Fronteiras entre messianismo judaico antigo e cristianismo primitivo**. Revista Jesus Histórico, v.8, n.14, p70, 2015. Disponível em <http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos14/5-carlosedenis.pdf>. Acesso em: 25/09/2025.

²⁶ CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Liber, 2002, página 153.

²⁷ALMEIDA, Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), p.469. Sl 89.3.

o teu trono de geração em geração". Trata-se, portanto, de uma esperança escatológica com realização integral na esfera terrena.

Provavelmente foi durante o exílio, época em que o trono de Davi já não existia mais, que a promessa feita a Davi se projetou para um futuro distante, em que a salvação deveria ser realizada certamente no âmbito terrestre, porém, de uma maneira definitiva. "Nesse dia, diz Yahweh Zebaoth, os filhos de Israel servirão ao seu Deus e a Davi, seu rei, que eu levantarei para eles."²⁸ (Jr.30.8). Os Salmos 2 e 72 anunciam, por sua vez, que todos os povos deverão submeter-se ao rei de Sião, estabelecido por Yahweh. Quando do exílio, o profeta Ezequiel é quem confere ao futuro rei os traços precisos que caracterizarão, doravante, a figurado Messias. Segundo Ez. 37.21-22, o dia virá em que o reino de Israel inteiro será unido sob o cetro de Davi, este reinará eternamente.²⁹

Porém, a esperança da vinda de um rei da casa de Davi, no fim dos tempos assumiu, suas formas mais vivas posteriormente, quando, sob a dominação grega, o povo judaico alcançara seu desenvolvimento máximo. Segundo Oscar Cullmann "Esperava-se então um rei totalmente terreno, político, e não um ser celestial que apareceria sobre a terra de uma forma milagrosa."³⁰

O Salmo 89 distingue-se de outras passagens que abordam as promessas davídicas, apresentando uma estrutura própria e elaborada. Este salmo engloba uma aclamação da fidelidade de Yahweh, uma declaração da concessão eterna de um trono a Davi, a celebração da posição incomparável de Yahweh entre as divindades, um resumo de sua atividade criativa, uma reflexão sobre a posição privilegiada de Israel, uma descrição detalhada das promessas davídicas e um lamento que deplora a rejeição por Yahweh de sua aliança com Davi. Destaca-se pela sua complexidade e oferece uma representação proeminente da posição de Davi. Segundo Jonh Day:

As benções concedidas a Davi são apresentadas contra o pano de fundo da inigualável posição e onipotência de Iahweh. O salmo 89 associa as promessas de Iahweh para Davi a incomparabilidade de Iahweh na assembleia celeste (vv. 6-8), às realizações criativas de Iahweh (vv. 9-15) e à segurança que proporciona a seu Povo (vv. 16-19). Em vez da escolha de Sião ou de Salomão por Iahweh, o poema fala da escolha de Davi por Iahweh (vv. 4.20).³¹

²⁸ Ibid., p592. Jr. 30.8.

²⁹ Ibid., p.652. Ez. 37. 21-22.

³⁰ CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Liber, 2005, página 153.

³¹ DAY, John (Org.). **Rei e Messias em Israel e no Antigo Oriente Próximo**. São Paulo: Paulinas, 2005. Pagina 117.

O salmista atesta a posição singular de Yahweh nos céus, a fim de enfatizar a posição de seu ungido na Terra. A mesma divindade que assegura sua lealdade celestial também confirma o trono de Davi "de geração em geração".³² Deus estabelece sua fidelidade no céu e declara, sua aliança com a casa de Davi (Sl.89.3-4). Para o salmista, Israel desfrutava de uma posição privilegiada perante Iahweh³³. Contudo, o autor elege Davi para um tratamento especial e exaltado, como um escolhido dentre o povo. O Deus que demonstra grande poder garante no salmo que:

Os seus inimigos nunca o vencerão, os maus não o derrotarão. Eu acabarei com os seus inimigos e matarei todos os que o odeiam. Sempre serei fiel a Davi e o amarei, e, por causa do meu poder, ele sempre vencerá. Estenderei o seu reinado desde o mar Mediterrâneo até o rio Eufrates.³⁴

Essa imagem de um rei soberano militar, em que Deus se representa em uma pessoa também está atrelada a passagem de 2Sm7 e 1Cr.14, "mais o poder conferido a Davi no Sl. 89 ultrapassa os da espécie humana"³⁵ o que importa ressaltar é que no decorrer do tempo, a pessoa de Davi foi aclamada como o ungido por excelência. Diante disso ele erra a maior representação do messias, porque em seu reinado fizera o que se esperava que um bom rei viria a fazer no futuro. "No período do Segundo Templo (a partir de 539 a.C.), os textos que legitimavam a eleição dos daviditas recebem uma interpretação profética, e são vistos como promessas divinas a respeito de um rei ideal que governaria o povo de forma perfeita no futuro."³⁶ Segundo Sousa:

Diversos outros textos ecoam a esperança da restauração plena da casa de Davi (Is 11:1-9; Ez 34 e 37; Mq 5:1-3). Esses textos foram apropriados por diversos grupos no judaísmo antigo e embasaram a sua esperança messiânica. Em linhas gerais, portanto, vemos que a crença na eleição divina da dinastia de Davi constitui a matriz textual comum do messianismo judaico. Isso explica a coerência que existe entre diferentes expectativas messiânicas.³⁷

³² ALMEIDA, Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, p. 469. Sl. 89.3

³³ A visão do povo judaico era que somente eles eram o povo escolhido por Yahweh. Porém essa visão não se sustenta nas narrativas bíblicas, o próprio Yahweh comunica que havia outros povos ao qual ele se relacionava, ao ponto de chamar Ciro rei da Pérsia de seu ungido. Assim diz o SENHOR ao seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela mão direita, para abater as nações ante a sua face, e para descingir os lombos dos reis, e para abrir diante dele as portas, que não se fecharão. (Isaias 45).

³⁴ Sociedade Bíblica do Brasil, **Nova Tradução na Linguagem de Hoje** (Sociedade Bíblica do Brasil, 2000), p.469. Sl 89.22-25.

³⁵ DAY, John (Org.). **Rei e Messias em Israel e no Antigo Oriente Próximo**. São Paulo: Paulinas, 2005. Página 118.

³⁶ SOUSA, Rodrigo Franklin. **O desenvolvimento histórico do messianismo no judaísmo antigo**. Revista USP, São Paulo, n.82, pg.13, junho/agosto 2009.

³⁷ Ibidem.

Textos como o de Isaías 11 reforçam a esperança de um salvador, onde ele julgará as necessidades de Israel, colocará o povo judeu como um povo forte e dominante, trazendo paz para as nações, proporcionando uma realidade utópica, diferente de tudo que podemos ver hoje. Por meio da raiz de Jessé vira o salvador conforme a tradição judaica, para estabelecer nele o seu reino que não terá fim. Segundo o cristianismo uma parte dessa promessa já foi concretizada por meio de Jesus Cristo, o Deus que se fez carne.

Porque brotará um rebento do tronco de Jessé, e das suas raízes um renovo frutificará. E repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e de temor do Senhor. E deleitar-se-á no temor do Senhor; e não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos. Mas julgará com justiça aos pobres, e repreenderá com equidade aos mansos da terra; e ferirá a terra com a vara de sua boca, e com o sopro dos seus lábios matará ao ímpio, e a justiça será o cinto dos seus lombos, e a fidelidade o cinto dos seus rins. E morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho de leão e o animal cevado andarão juntos, e um menino pequeno os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, seus filhos se deitarão juntos, e o leão comerá palha como o boi. E brincará a criança de peito sobre a toca da áspide, e a desmamada colocará a sua mão na cova do basilisco.³⁸

Messianismo no cristianismo

Embora o messianismo judaico tenha suas raízes na TANAKH “Bíblia Hebraica”, com sua construção obtida por meio das lacunas abertas por um sentimento de libertação das opressões de seus inimigos, o messianismo desenvolvido pelo cristianismo tem uma esperança diferente da do judaísmo. É fato que o cristianismo tem seu ponto de partida nas escrituras do Antigo Testamento, onde os textos obtiveram uma releitura e uma hermenêutica diferente do que a cultura judaica havia construído ao longo do tempo.

Diversos elementos que fazem parte do Antigo Testamento são adotados no cristianismo, porém com mudanças sobre o Messias. O ponto de partida para esta interpretação reside nos mesmos textos que abordam a unção do rei e de outros personagens nas promessas destinadas à realeza davídica, conforme está contido nos Salmos e nos profetas, e, sobretudo, em uma proposta apocalíptica.

“O Cristianismo entendeu e sedimentou a proposta de um Messias como salvador e redentor do mundo, projetada e realizada na pessoa de Jesus de Nazaré, denominado precisamente o Cristo, isto é, o Messias ou o Ungido”.³⁹ Através desse pensamento, o

³⁸ ALMEIDA, Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, p.531. Is. 11.1-8.

³⁹ SILVA, Severino Celestino da; SILVA, Valmor. **O messias no judaísmo e no cristianismo**. Caminhos, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 258, 2017. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6035/3392>.

messianismo no cristianismo se distancia da compreensão judaica. Mesmo que haja algumas diversidades de correntes, existem algumas similaridades em certos aspectos com a corrente cristã, entre elas os aspectos escatológicos, com a esperança voltada para o futuro. “Se examinarmos alguns dos conceitos fundamentais do novo testamento- reino de Deus, ressurreição, céu na terra, a conquista dos poderes terrenos e celestes, cruz, exaltação-, percebemos que todos parecem ter uma dimensão messiânica-escatológica”.⁴⁰

O cristianismo do primeiro século interpretou as ações de Jesus fundamentando-as nas passagens do Antigo Testamento. O evangelho segundo Mateus é o que mais estabelece essa relação ao informar por diversas vezes, ênfase na frase "como está escrito", fazendo assim um paralelo entre a antiga e a nova aliança e o Reino de Deus que havia chegado.

Mateus começa seu livro descrevendo a genealogia de Jesus, advinda da linhagem do rei Davi, legitimando-o como um candidato legítimo para executar as profecias messiânicas estabelecidas para o monarca. O evangelista Mateus relaciona Jesus à profecia de Zacarias 9:9, ao descrever a entrada de Jesus em Jerusalém em um jumentinho, simbolizando um rei justo e salvador, com humildade, montado em um jumentinho, cria de uma jumenta.⁴¹

O texto conhecido como protoevangelho foi relido com a lente futurista e messiânica, sendo considerado como a primeira profecia messiânica. “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.”⁴² O termo semente da mulher foi aplicada ao extraordinário nascimento de Jesus, que também buscou sua interpretação em Isaías 9. 6-7:

Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz;
para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto.⁴³

Deste mesmo modo, as promessas feitas a Abraão também tiveram o mesmo processo interpretativo, associando-o ao messianismo de Jesus. Na passagem que menciona a oferta de Abraão, oferecendo seu filho Isaque em holocausto (Gn. 22,18),

⁴⁰ DAY, John (Org.). **Rei e Messias em Israel e no Antigo Oriente Próximo**. São Paulo: Paulinas, 2005. Pg.491.

⁴¹ ALMEIDA, Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, p.708. Zc. 9.9.

⁴² Ibid., p.3. Gn. 3.15.

⁴³ Ibid., p.529. Is. 9.6-7.

passa a ser interpretado como um ato de Deus em entregar seu filho em sacrifício pelos pecados do seu povo, o que encontra ligação com a passagem de Isaías 53, que se refere ao servo sofredor, onde diz: “o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados”.⁴⁴ Este pensamento foi veementemente propagado durante a formação do Novo Testamento e denominado como teologia da substituição, a qual Deus entregara seu filho Jesus para o resgate de seus escolhidos, tornando-os libertos das opressões físicas e espirituais.

“Ora, esta ideia de substituição encontra sua encarnação exemplar, em certo sentido, na pessoa do Servo Sofredor de Deus. “Servo de Deus” é um dos títulos mais antigos outorgados à pessoa e à obra de Jesus”⁴⁵. Esta visão de um messias sofredor, não está presente o pensamento judaico onde sua esperança está em um messias imbatível, guerreiro e invencível. “Os rabinos consideravam o Messias como ‘rei ungido’ e ‘filho de Davi’, que agiria com poder para defender Israel e fazê-lo grande, submetendo-lhe todos os povos”⁴⁶

No Evangelho de Lucas, a teologia aplicada se encontra na figura do Filho do Homem, que também advém do judaísmo. Para o cristianismo, essa expressão está relacionada à humanidade messiânica de Jesus. Para Lucas, Jesus manifestou uma humanidade plena. Lucas, em sua narrativa, ressalta essa característica ao apresentar Jesus utilizando a expressão “Filho do Homem”, que engloba um duplo sentido: Jesus representa o ser humano completo, que progrediu em sabedoria (Lucas 2.52); e também o Servo Sofredor (Lucas 22.39-23.38; Isaías 53), que enfrentou circunstâncias insuperáveis em nosso favor, vivendo uma vida sem pecado e morrendo em substituição aos seus servos. Essa humanidade é corroborada no texto de Filipenses 2.5-8.

De modo oposto ao judaísmo, o cristianismo tem sua esperança alicerçada na pessoa de Jesus de Nazaré, sendo ele o Logos descrito por João 1, a razão da existência humana descrita em Colossenses 3, o Emanuel, o Deus sempre presente, que não abandona aqueles que se aproximam d’Ele. O Messias interpretado pelo cristianismo do primeiro século na pessoa de Jesus tem como objetivo aproximar a humanidade de volta a Deus. Para eles, “Jesus tinha uma elevada consciência de sua missão messiânica, que é

⁴⁴ Ibid., p.558. Is. 53.5.

⁴⁵ CULLMANN, OSCAR. **Cristologia do Novo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Liber, 2005. Pg.75.

⁴⁶ FARIA, Jacir de Freitas. **O poder do Rei Messias no Império Romano**. Estudos Bíblicos, Petrópolis, n. 78, pg.64-66. 2003.

semelhante, mas não idêntica, às expectativas populares referentes ao aparecimento do Messias”⁴⁷

Como esperança escatológica, o cristianismo espera a “Nova Jerusalém” que descenderá, onde ali “Ele lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram”.⁴⁸

Conclusão

No contexto do judaísmo, o Messias, cujo significado é "o ungido", representa uma figura que inspira esperança em tempos de adversidade e opressão. Conforme as profecias do Antigo Testamento, o Messias é aguardado como um descendente da linhagem de Davi, caracterizado por sua influência política, destreza militar e liderança real.

No cristianismo, a figura central do Messias é atribuída a Jesus Cristo. Através de uma interpretação hermenêutica dos textos veterotestamentários, diversos atributos foram associados à vida de Jesus. Com base nos ensinamentos do Novo Testamento, o cristianismo professa a crença no retorno do Messias, Jesus, para inaugurar uma era de paz e união entre as nações. Para o cristianismo, Jesus é o mediador entre Deus e a humanidade, proporcionando acesso direto ao divino e restaurando um mundo afetado pela desumanização.

Em conclusão, o fenômeno messiânico tem como foco a esperança de dias melhores, uma busca pela liberdade das mazelas que a vida nos proporciona. Embora esse conceito seja muito amplo de acordo com a cultura e a religião, onde há uma multiplicidade de pensamentos em relação ao messias, uma é a realidade: a humanidade anseia por momentos melhores em que a desigualdade, a escravidão e a opressão deixarão de existir. Seja por um messias divino ou um messias humano, o que não pode faltar é a esperança de que um dia as coisas serão melhores.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- Champlin, R. N., “**Messias**”, **Enciclopédia de Bíblia, Teologia & Filosofia**, São Paulo: Hagnos, 2013.
- CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Liber, 2005.

⁴⁷ FLUSSER, David. **O judaísmo e as origens do cristianismo**. Vol. I. Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000. Pg.75.

⁴⁸ Almeida Revista e Atualizada (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), p. 934. Ap. 21.4.

DAY, John (Org.). **Rei e Messias em Israel e no Antigo Oriente Próximo**. São Paulo: Paulinas, 2005.

DO CARMO, Solange Maria, E CORNÉLIO, Francisco Freire Rodrigues, “**Teologia da Libertação: Um Sopro do Espírito na América Latina**”, in **50 Anos de Teologias da Libertação: Memória, Revisão, Perspectivas e Desafios** (São Paulo: Editora Recriar, 2022).

FARIA, Jacir de Freitas. **O poder do Rei Messias no Império Romano**. Estudos Bíblicos, Petrópolis, n. 78, 2003.

FLUSSER, David. **O judaísmo e as origens do cristianismo**. Vol. I. Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000.

JAMES, Hamilton. M., JR., **O que é Teologia Bíblica? Um Guia para a História, o Simbolismo e os Modelos da Bíblia**, org. Tiago José dos Santos Filho, trad. Elizabeth Gomes, primeira edição. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2016.

HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. **Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus**. São Paulo: Editora Paulus, 1995.

KAEFER, José Ademar. **A Bíblia, a Arqueologia e a História de Israel e Judá**. São Paulo: Paulus, 2015.

SANTOS, Carlos Antônio dos. **Fronteiras entre messianismo judaico antigo e cristianismo primitivo**. Revista Jesus Histórico, v.8, n.14, p70, 2015. Disponível em <http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos14/5-carlosedenis.pdf>.

SCHWANTES, Milton. **História de Israel: Local e origens**. São Leopoldo: Oikos, 2008

SCHWANTES, Milton. **Breve história de Israel**. Editora Oikos. São Leopoldo, RS. 2008.

SILVA, Severino Celestino Da; SILVA, Valmor. **O messias no judaísmo e no cristianismo**. Caminhos, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 249-267, 2017. Acessado em. <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6035/3392>.

SOUSA, Rodrigo Franklin. **O desenvolvimento histórico do messianismo no judaísmo antigo**. Revista USP, São Paulo, n.82, junho/agosto 2009.

SOCIEDADE Bíblica Do Brasil, **Nova Tradução na Linguagem de Hoje** (Sociedade Bíblica do Brasil, 2000).

SOCIEDADE Bíblica do Brasil, **Almeida Revista e Corrigida** (Sociedade Bíblica do Brasil, 2009).

STRAUSS, M. L. **Messias**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2020.

VANGEMEREN, Willen A. **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. 1ª edição. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011.